

AS RESPOSTAS DE JESUS AOS SEUS INIMIGOS

Este capítulo contém vários conflitos em que os adversários de Jesus tentam infamá-lo. Entre esses adversários estavam os fariseus e os herodianos (22:15–22), os saduceus (22:23–33) e certo intérprete da Lei farisaico (22:34–40). O capítulo termina com Jesus silenciando os fariseus com uma pergunta sobre “o Cristo” (22:41–46).

A PERGUNTA SOBRE PAGAR TRIBUTO (22:15–22)

¹⁵Então, retirando-se os fariseus, consultaram entre si como o surpreenderiam em alguma palavra. ¹⁶E enviaram-lhe discípulos, juntamente com os herodianos, para dizer-lhe: Mestre, sabemos que és verdadeiro e que ensinas o caminho de Deus, de acordo com a verdade, sem te importares com quem quer que seja, porque não olhas a aparência dos homens. ¹⁷Dize-nos, pois: que te parece? É lícito pagar tributo a César ou não? ¹⁸Jesus, porém, conhecendo-lhes a malícia, respondeu: Por que me experimentais, hipócritas? ¹⁹Mostrai-me a moeda do tributo. Trouxeram-lhe um denário. ²⁰E ele lhes perguntou: De quem é esta efígie e inscrição? ²¹Responderam: De César. Então, lhes disse: Dai, pois, a César o que é de César e a Deus o que é de Deus. ²²Ouvindo isto, se admiraram e, deixando-o, foram-se.

Versículo 15. Dentre os adversários de Jesus, o grupo mais franco e sonoro era o **dos fariseus** (veja os comentários sobre 3:7; 15:1). As discussões dos fariseus com Jesus baseavam-se principalmente em questões religiosas (9:11, 34; 12:2, 24, 38; 15:1, 2; 16:1; 19:3). Desta vez, os fariseus entenderam que Jesus estava Se referindo a eles em Suas parábolas e se ofenderam (21:45). Embora não pudessem prender Jesus publicamente por temerem o povo (21:46), eles se retiraram a fim de **consultaram entre si como o surpreenderiam em alguma palavra**.

Versículo 16. Em vez de confrontar Jesus pessoalmente, os fariseus **enviaram-lhe discípulos**. Esses alunos estavam sendo instruídos por eles – assim como Paulo fora instruído por Gamaliel, um fariseu (Atos 5:34; 22:3). Posteriormente, depois que Jesus silenciou esses discípulos e os saduceus, os fariseus tomaram a firme decisão de encontrar-se com Jesus face a face (22:34).

Os discípulos dos fariseus se juntaram nessa confrontação a convite dos **herodianos**. Os fariseus e os herodianos eram inimigos naturais, pois estes apoiavam o reinado de Herodes¹. Apesar disso, os dois partidos se uniram para lutar contra um inimigo comum – Jesus². Certo adágio antigo do Oriente Próximo aplica-se aqui: “O inimigo do meu inimigo é meu amigo”.

Os herodianos não eram uma seita religiosa, e não pareciam ser um partido político organizado. Nessa época, eles agiam como apoiadores de Herodes, o qual reinava sobre a Galileia e a Pereia nomeado pelo Império Romano. Em oposição direta aos herodianos estavam os zelotes – ativistas políticos, muitas

¹Os fariseus aceitavam a ocupação romana como um mal necessário, mas de modo algum apoiavam Herodes.

²Os fariseus também se uniram aos saduceus para se oporem a Jesus (veja os comentários sobre 16:1).

vezes, militares. Esses judeus extremamente nacionalistas menosprezavam a ocupação romana da Terra Prometida. Um dos discípulos de Jesus, Simão, pertencera a essa seita (Lucas 6:15).

O uso da bajulação era visto como um vício no mundo greco-romano³. Todavia, isso não impedi que os discípulos dos fariseus e os herodianos o usassem para tentar pegar Jesus numa falha. Depois de se referirem a Ele como **Mestre**, expressaram que confiavam nEle declarando-O **verdadeiro** – ou seja, “íntegro” (NVI). Disseram que Jesus ensinava **o caminho de Deus, de acordo com a verdade**. Concluíram a bajulação afirmando que Jesus **Se [importava] com quem quer que [fosse]**, pois Ele **não olha[va] a aparência** das pessoas. O texto grego diz literalmente: “Não olhas o rosto dos homens”.

Tudo que os inimigos de Jesus disseram nesse versículo era verdadeiro. Evidentemente, eles não acreditavam no que disseram, de outra forma O seguiriam. Fizeram essas declarações somente para ludibriá-lo.

Versículo 17. A seguir, perguntaram a Jesus se era **lícito pagar tributo a César**. O termo grego para “lícito” também pode ser traduzido por “reto” ou “permissível”. Estavam perguntando se esse ato era ou não autorizado pela Lei. O NTJ diz: “A *Torah* permite o pagamento de impostos ao imperador romano ou não?”

Essa era uma pergunta que poderia gerar problemas para Jesus qualquer que fosse a Sua resposta. Se Ele dissesse: “Não”, os herodianos o delatariam às autoridades romanas, e Ele seria executado por traição (veja Lucas 23:2). Se respondesse: “Sim”, os fariseus O denunciariam perante o povo judeu. A maioria dos judeus ficaria furiosa porque odiava os romanos que ocuparam seu país.

O “tributo” (*κῆνσος, kēnsos*) era cobrado anualmente de todo homem de catorze a sessenta e cinco anos que morava nos territórios ocupados. Era por isso que Roma exigia um recenseamento periódico (veja Lucas 2:1–4). Nenhum imposto pago aos romanos pelos judeus causava mais indignação do que esse tributo. Ele enfatizava o direito de Roma exercer domínio sobre a Palestina. Os fariseus se opunham a esse tributo porque Deus era o Rei sobre Israel, e Ele proibia que um

³Craig S. Keener, *A Commentary on the Gospel of Matthew*. Grand Rapids, Mich.: Wm. B. Eerdmans Publishing Co., 1999, p. 524, n. 200. A bajulação é amplamente discutida em Plutarco, *Moralia* 48E–74E (Como Distinguir o Amigo do Bajulador).

estrangeiro governasse sobre eles (Deuteronômio 17:14, 15). Jack P. Lewis escreveu: “A pergunta sobre o imposto ser ou não permitido pela lei mosaica era uma questão importantíssima desde a ascensão de Herodes ao poder até a queda do estado judaico, e ela até inspirou a revolta de Bar Kokhba em 132–135 d.C.”⁴ No ano 6 d.C., quando Jesus era menino, Judas, o Galileu, deu início a uma revolta por causa desse tributo (Atos 5:37)⁵.

Versículo 18. Jesus sabia o que havia nos corações desses homens (João 2:24, 25) e o que havia por trás dessa pergunta. Ele sabia que eles O estavam “experimentando” ou “testando” (veja os comentários sobre 4:1; 16:1). Em vez de dar uma resposta simples, como eles esperavam, Jesus denunciou-os como **hipócritas** (veja os comentários sobre 6:2, 5). Não era possível enganar Jesus. Ele informou que estava ciente da falsidade deles. Sabia que a pergunta deles não era uma busca da verdade, e sim uma tentativa de apanhá-lo numa armadilha.

Versículo 19. O Senhor acrescentou: “**Mostrai-me a moeda do tributo**”. A palavra grega equivalente a “moeda” (*νόμισμα, nomisma*) refere-se ao dinheiro introduzido no uso comum. Embora muitos tipos de moedas fossem usados em Israel naquele tempo, esse tributo só podia ser pago com o denário romano. Os discípulos dos fariseus e os herodianos não tinham problema em apresentar uma dessas moedas de prata. Visto que o denário equivalia ao salário de um dia de trabalho (20:2), ele era um lugar-comum.

Versículo 20. Jesus pegou o denário, provavelmente segurando-o para cima, e perguntou: “**De quem é esta efígie e inscrição?**” Não se sabe com certeza se a moeda que Jesus segurava estampava a figura de Augusto (31 a.C. a 14 d.C.) ou de Tibério (14 a 37 d.C.). O primeiro “César” foi Gaio Júlio Cesár. “Júlio” era o nome de família, e “César”, o apelido. A ordem usada era 1) nome, 2) sobrenome e 3) apelido⁶. Embora “César” fosse originalmente o apelido de Júlio César, o nome tornou-se mais tarde um título para os imperadores romanos. Vários imperadores romanos são descritos como “César” no Novo Testamento, entre eles Augusto (Lucas 2:1), Tibério (Lucas 3:1),

⁴Jack P. Lewis, *The Gospel According to Matthew*, Part 2, The Living Word Commentary. Austin, Tex.: Sweet Publishing Co., 1976, p. 100.

⁵Flávio Josefo, *Antiguidades* 18.1.1; *Guerras* 2.8.1.

⁶Everett Ferguson, *Backgrounds of Early Christianity*, 2a ed. Grand Rapids, Mich.: Wm. B. Eerdmans Publishing Co., 1993, p. 26.

Claudio (Atos 17:7; 18:2) e Nero (Atos 25:8–12; Filipenses 4:22). Augusto era o imperador vigente quando Jesus nasceu, por isso um denário antigo teria a imagem dele. Considerando que Tibério era o imperador durante o ministério de Jesus, uma moeda mais atual traria a imagem dele.

O denário emitido no reinado de Tibério parece ser o mais apropriado ao contexto, pois esse imperador era o único que cobrava impostos dos judeus nessa época. Everett Ferguson salientou um exemplo de uma dessas moedas, cujo anverso estampa a cabeça do imperador adornada com uma coroa e a inscrição “*Tiberius Caesar Augustus, Filho do Divino Augustus*”. O reverso da moeda estampa uma mulher sentada, comumente identificada como Lívia, mãe de Tibério, a qual pode representar a deusa Pax ou Roma. A respectiva inscrição diz: “Sumo Sacerdote”⁷.

Versículo 21. Quando as pessoas ao redor de Jesus identificaram precisamente a imagem e a inscrição da moeda, respondendo: “De César”, Jesus replicou: “Dai, pois, a César o que é de César”. O raciocínio de Jesus era que, se a moeda foi emitida por César e continha a imagem e a inscrição dele, então era lícito devolvê-la a ele. O verbo grego aqui traduzido por “dar” (*ἀποδίδωμι, apodidomi*) tem o sentido de pagar o que é devido⁸. Na verdade, *apodidomi* é mais forte do que o verbo “pagar tributo” no versículo 17. Leon Morris postulou que o fato desses questionadores usarem as moedas de César era por si só uma admissão de que eles deviam tributos a César⁹. Esta mensagem era especialmente adequada para os fariseus, que queriam se livrar dos impostos¹⁰.

A seguir, Jesus disse para darem a Deus o que é de Deus. Ele não estava aprovando as alegações idólatras cunhadas nas moedas a respeito de César; só Deus é digno de honra e adoração (4:10; veja Daniel 4:28–37; Atos 12:20–23). Deus rege o universo por toda a eternidade, ao passo que os imperadores eram oficiais que reinavam sobre o Império Romano por poucos anos. Jesus estava

⁷Ibid., p. 86.

⁸O princípio de governo é de Deus (Daniel 2:21, 37, 38; Romanos 13:1–7; 1 Pedro 2:13–17). O governo constantemente providencia a proteção de um exército, uma força policial, boas estradas e um sistema de justiça. Essas instituições precisam ser pagas pelo povo.

⁹Leon Morris, *The Gospel According to Matthew*, Pillar Commentary. Grand Rapids, Mich.: Wm. B. Eerdmans Publishing Co., 1992, p. 557.

¹⁰Lewis, p. 101.

dizendo com isto que há um lugar para o governo, e é apropriado que o governo se sustente por meio dos impostos. Ele também estava dizendo que cada homem também tem uma dívida com Deus. Visto que os seres humanos carregam a imagem de Deus (Gênesis 1:27; 5:1), eles devem a Deus suas próprias vidas (Romanos 12:1, 2). Essa era uma mensagem que os herodianos seculares, em especial, precisavam ouvir.

Versículo 22. Os questionadores se admiraram com a sabedoria de Jesus ao responder. Jesus respondeu com sinceridade, sem suscitar a hostilidade das autoridades romanas ou das massas judaicas. Os discípulos dos fariseus e os herodianos decidiram sabiamente retirar-se antes de se exporem a mais uma confrontação humilhante perante o povo.

A PERGUNTA SOBRE A RESSURREIÇÃO (22:23–33)

²³Naquele dia, aproximaram-se dele alguns saduceus, que dizem não haver ressurreição, e lhe perguntaram: ²⁴Mestre, Moisés disse: Se alguém morrer, não tendo filhos, seu irmão casará com a viúva e suscitará descendência ao falecido. ²⁵Ora, havia entre nós sete irmãos. O primeiro, tendo casado, morreu e, não tendo descendência, deixou sua mulher a seu irmão; ²⁶o mesmo sucedeu com o segundo, com o terceiro, até ao sétimo; ²⁷depois de todos eles, morreu também a mulher. ²⁸Portanto, na ressurreição, de qual dos sete será ela esposa? Porque todos a desposaram.

²⁹Respondeu-lhes Jesus: Errais, não conhecendo as Escrituras nem o poder de Deus. ³⁰Porque, na ressurreição, nem casam, nem se dão em casamento; são, porém, como os anjos no céu. ³¹E, quanto à ressurreição dos mortos, não tendes lido o que Deus vos declarou: ³²Eu sou o Deus de Abraão, o Deus de Isaque e o Deus de Jacó? Ele não é Deus de mortos, e sim de vivos. ³³Ouvindo isto, as multidões se maravilhavam da sua doutrina.

Versículo 23. Naquele dia serve como um marcador cronológico que vincula este conflito ao anterior. Aparentemente, o questionamento sobre a autoridade de Jesus (21:23–27), Suas parábolas (21:28—22:14) e estes conflitos (22:15–46) ocorreram na terça-feira da semana da paixão.

Desta vez, aproximaram-se de Jesus alguns

saduceus, a seita aristocrata de judeus (veja os comentários sobre 3:7; 16:1). Este grupo, pequeno, mas poderoso, exercia sua influência a partir de Jerusalém. Assim como os samaritanos, eles aceitavam somente os cinco livros de Moisés – o Pentateuco – como Palavra de Deus¹¹. Rejeitavam a autoridade do resto do Antigo Testamento, bem como as tradições orais respeitadas pelos fariseus.

Em contraste com os fariseus, os saduceus não criam na imortalidade da alma, na vida após a morte, em castigos e recompensas nem na **ressurreição** dos mortos (Atos 23:8)¹². Como Moisés não disse nada explicitamente sobre a ressurreição na Lei, eles rejeitavam a ideia totalmente. Mais tarde, a literatura rabínica demonstra a tensão causada por essa discussão. Segundo o Mishná, aqueles que negam que a doutrina da ressurreição é derivada da Torá – o que incluiria os saduceus – nada herdarão no mundo por vir¹³.

Enquanto os fariseus foram os principais adversários de Jesus durante o Seu ministério, os saduceus se tornaram os principais adversários da igreja primitiva. Isso aconteceu porque os apóstolos “anunciaram, em Jesus, a ressurreição dentre os mortos” (Atos 4:1, 2). Por mais importante que esse grupo tenha sido na época de Jesus, ele desapareceu após a destruição de Jerusalém no ano 70 d.C.

Versículo 24. Assim como os discípulos dos fariseus e os herodianos (22:15), os saduceus aproximaram-se de Jesus para pegá-lo em alguma falha (veja 16:1). Após se dirigirem a Ele como **Mestre**, apresentaram sua pergunta recitando a Lei (a qual era aceita por eles): “Moisés disse: Se alguém morrer, não tendo filhos, seu irmão casará com a viúva e suscitará descendência ao falecido”. Essa é uma paráfrase de Deuteronômio 25:5 e 6, comumente denominado lei do levirato. O termo vem da palavra latina *levir*, que significa “cunhado”. A lei de levirato exigia que se um homem morresse sem deixar filhos, seu irmão deveria tomar a viúva como esposa e gerar filhos em nome do falecido.

O costume do levirato foi praticado em muitas sociedades antigas. Seu propósito era preservar o nome do falecido dando-lhe uma descendência e preservando os bens dele dentro da família. O costume do levirato estava em uso no período dos patriarcas, centenas de anos antes da Lei ser

dada. A seriedade deste costume é vista no fato de que o filho de Judá, Onã foi castigado com pena de morte porque se recusou a gerar filhos para seu irmão (Gênesis 38:8–10). Quando a lei do levirato foi outorgada por Moisés, ela foi levada a sério; qualquer violação dela era considerada uma ofensa vergonhosa (Deuteronômio 25:7–10).

Versículos 25 a 27. Depois de citar a lei do levirato, os saduceus introduziram um cenário em que havia **sete irmãos**. O irmão mais velho **casou** e depois **morreu** sem deixar **filhos**. Segundo a lei do levirato, ele deixou sua mulher ao próximo **irmão** por ordem de nascimento e, como a união dos dois não gerou filhos, o processo continuou até ela casar com todos os sete irmãos, um de cada vez. Finalmente, a mulher também **morreu**.

Esse caso foi apresentado a Jesus como se fosse um fato verídico. Todavia, certamente inventaram esse cenário absurdo para fazer a ressurreição parecer impossível. É muito improvável que uma mulher se casasse com sete maridos sem gerar nenhum filho, a menos, obviamente, que ela fosse estéril. Pode ser que os saduceus encontraram inspiração num dos livros apócrifos. No Livro de Tobias, uma mulher chamada Sara casou com sete homens, embora o relato não diga especificamente que eles eram irmãos. Em cada caso, antes de consumarem o casamento, o marido foi morto por um demônio¹⁴.

Versículo 28. Após citar a lei do levirato e apresentar esse cenário incomum, os saduceus perguntaram: “Portanto, na ressurreição, de qual dos sete será ela esposa?” Talvez os saduceus tivessem confundido os fariseus com esse problema em ocasiões anteriores¹⁵. Esse estilo de argumentação é conhecido como *reductio ad absurdum*, redução do caso modelo ao absurdo. Os saduceus acreditavam que Deus não ordenaria uma prática que levaria a essa situação ridícula¹⁶.

A pergunta dos saduceus baseava-se na premissa de que a vida continuaria na ressurreição da mesma forma que aqui na terra. Os judeus concebiam a ideia de um homem estar casado com várias mulheres na vida porvir, porque a poligamia era um costume muito conhecido entre eles. Muitos exemplos dessa prática estão regis-

¹⁴Tobias 3:7–9.

¹⁵Lewis, p. 103.

¹⁶Robert H. Mounce, *Matthew*, New International Biblical Commentary. Peabody, Mass.: Hendrickson Publishers, 1991, p. 209.

¹¹Flávio Josefo, *Antiguidades* 18.1.4.

¹²Flávio Josefo, *Guerras* 2.8.14.

¹³Mishná *Sanhedrin* 10.1.

trados no Antigo Testamento. Todavia, a ideia de uma mulher ter mais de um marido ao mesmo tempo (poliandria) era inconcebível para eles. A natureza jocosa do cenário inventado pelos saduceus aumentou com a ideia da mulher ter casado com *sete* maridos, um logo depois do outro.

Versículo 29. Em resposta, Jesus disse a esses líderes que eles **erra[vam]** ou “estavam enganados” (NVI). O verbo grego usado aqui (*πλανάω, planaō*) significa “desviar-se” ou “ser iludido”. É usado em 18:12 para a ovelha que se perdeu. Primeiramente, Jesus disse que eles ignoravam **as Escrituras**. Este ponto é elaborado nos versículos 31 e 32. Em segundo lugar, Jesus disse que eles não entendiam **o poder de Deus**. Essa acusação é explicada no versículo 30.

Versículo 30. Jesus explicou que Deus tem o poder de transformar as pessoas: “**Porque, na resurreição, nem casam, nem se dão em casamento; são, porém, como os anjos no céu**”. O casamento é descrito de duas perspectivas: “casar” está relacionado ao homem, que toma a mulher para si, ao passo que “dar-se em casamento” está relacionado à mulher, que é dada a um homem por seu pai. Jesus afirmou que essas leis terrenas não se aplicam no reino celestial. No mundo por vir, os seres humanos serão *como* anjos (*ἄγγελος, angelos*), mas não *se tornarão* anjos¹⁷. Por causa de sua natureza espiritual, eles não casam nem reproduzem.

A literatura judaica extrabíblica contém pensamentos semelhantes. Por exemplo, o Talmude diz:

[O mundo futuro não é como este mundo.] No mundo futuro não há comida nem bebida, nem propagação nem negócios, nem ciúme nem ódio, nem competição, mas os justos se assentam com suas coroas na cabeça celebrando ao esplendor da presença divina.¹⁸

Outras passagens do Novo Testamento confirmam que o corpo ressurreto e o estado de existência futuro serão diferentes dos atuais (1 Coríntios 15:35–58; 1 João 3:2).

Versículos 31 e 32. Após Se reportar ao poder de Deus de transformar seres humanos na ressurreição, Jesus retomou a questão da ignorância dos saduceus em relação às Escrituras (22:29). Seguin-

¹⁷ Ao que tudo indica, os saduceus também não criam em anjos (Acts 23:8), embora o Pentateuco os mencione constantemente (Gênesis 16:7; 19:1; 21:17; 22:11; 24:7; 28:12; 31:11; 32:1; 48:16; Êxodo 3:2; 14:19; 23:20; 32:34; 33:2; Números 20:16; 22:22).

¹⁸ Talmude, *Berakoth* 17a.

do o estilo rabínico, Ele prefaciou novamente uma citação do Antigo Testamento com uma pergunta: “...não tendes lido?” (veja os comentários sobre 12:3, 4). Depois ele deixou claro que as palavras que Ele citaria provinham de **Deus**. Jesus também atribuiu essas palavras ao “livro de Moisés” e especificou o relato da sarça ardente (Marcos 12:26).

Sabendo Jesus que o objetivo dos saduceus era contestar a ressurreição, Ele invocou os nomes dos patriarcas que eles respeitavam e usou as Escrituras que eles honravam para provar a ressurreição. Jesus não citou uma passagem obscura, mas usou uma conhecida por todos. Ele citou a maneira como Deus Se identificou em Êxodo 3:6: “**Eu sou o Deus de Abraão, o Deus de Isaque e o Deus de Jacó**”. Jesus deixou implícito que Abraão, Isaque e Jacó ainda eram vivos, pois Deus ainda era o Deus deles (veja 8:11; Lucas 13:28; 16:22–31; João 8:56). E concluiu: “**Ele não é Deus de mortos, e sim de vivos**”.

Apesar de a doutrina da ressurreição não ter destaque no Antigo Testamento, várias passagens ensinam – ou pelo menos indicam – que ela é real¹⁹. Todavia, ela não é ensinada explicitamente na Lei. Como os saduceus reconheciam que somente o Pentateuco tinha autoridade divina, Jesus usou uma passagem que eles aceitavam que ensinava *implicitamente* essa ideia. Mais tarde, no Talmude, a mesma abordagem foi usada para responder aos chamados “sectários”, um rótulo que incluía os saduceus e outros que negavam a ressurreição. Perguntava-se: “Como comprovar a ressurreição no Pentateuco?” Os rabinos citavam várias passagens para provar esse ensino (Êxodo 6:4; Números 18:28; Deuteronômio 4:4; 11:21; 31:16)²⁰, mas nenhuma delas parece tão convincente quanto a citada por Cristo²¹.

Versículo 33. Após ouvir a réplica de Jesus, **as multidões se maravilhavam da sua doutrina** (veja 22:22, 46). Lucas 20:39 e 40 diz: “Então, disseram alguns dos escribas: Mestre, respondeste bem! Dali por diante, não ousaram mais interrogá-lo”.

¹⁹ Jó 14:14; 19:25–27; Salmos 16:9–11; 17:15; 49:15; 73:24–26; Isaías 25:8; 26:19; 53:10; Ezequiel 37:1–14; Daniel 12:1–3, 13; Oseias 6:2; 13:14.

²⁰ Talmude, *Sanhedrin* 90b.

²¹ Outra passagem rabínica cita Deuteronômio 32:39, em que Deus disse: “...eu mato e eu faço viver; eu firo e eu saro” (Talmude, *Pesahim* 68a).

A PERGUNTA SOBRE O MAIOR MANDAMENTO (22:34–40)

³⁴Entretanto, os fariseus, sabendo que ele fizera calar os saduceus, reuniram-se em conselho. ³⁵E um deles, intérprete da Lei, experimentando-o, lhe perguntou: ³⁶Mestre, qual é o grande mandamento na Lei? ³⁷Respondeu-lhe Jesus: Amarás o Senhor, teu Deus, de todo o teu coração, de toda a tua alma e de todo o teu entendimento. ³⁸Este é o grande e primeiro mandamento. ³⁹O segundo, semelhante a este, é: Amarás o teu próximo como a ti mesmo. ⁴⁰Destes dois mandamentos dependem toda a Lei e os Profetas.

Versículo 34. Os discípulos dos fariseus, juntamente com os herodianos, foram enviados para pegar Jesus numa armadilha, mas eles fracassaram (22:15, 16, 22). Os saduceus também se esforçaram ao máximo para colocar a reputação de Jesus em descrédito, mas não tiveram êxito (22:23, 33). A sábia resposta de Jesus fez **calar os saduceus**. A palavra “calar” (*φιμόω, filoo*), traduzida por “emudecer” no versículo 12, pode significar literalmente “amordaçar”. Depois que os fariseus souberam disso, **reuniram-se em conselho** a fim de conspirar contra Jesus.

Versículo 35. Esses fariseus também fracassaram na tentativa de apanhar Jesus numa armadilha. O fracasso deles pode ter sido, em partes, por causa do homem que foi escolhido para representá-los. Dentre todos os questionadores, esse homem parece ter sido o mais sincero. Mateus identificou-o como **um deles, intérprete da Lei** (*νομικός, nomikos*). Este último termo é omitido em muitos manuscritos e alguns acreditam que um copista o teria emprestado de Lucas 10:25 – que relata uma história semelhante, porém não idêntica²². Num contexto judaico, o termo “intérprete da Lei” referia-se a quem era instruído ou versado na lei de Moisés, “**um juiz perito na Lei**” (NTJ). Marcos referiu-se ao homem usando o sinônimo “escriba” (*γραμματεύς, grammateus*) e insinuou que ele fez a pergunta por iniciativa própria (Marcos 12:28). O trabalho de um escriba era interpretar a Lei e conhecer e aplicar a lei oral (veja os comentários sobre 2:4).

Versículo 36. Na intenção de por Jesus à prova,

o escriba perguntou: “**Mestre, qual é o grande mandamento na Lei?**” Essa pergunta era constantemente debatida entre os estudiosos judeus. Eles queriam resumir a Lei numa declaração ou mandamento geral. No Talmude, há uma pergunta semelhante: “De qual breve texto dependem todos os elementos essenciais da Torá?”²³ A resposta sugerida pelo Talmude está em Provérbios 3:6: “Reconhece-o em todos os teus caminhos, e ele endireitará as tuas veredas”. É interessante que essa resposta foi extraída de Provérbios e não do Pentateuco.

O rabino Simlai ensinou que Moisés recebeu 613 mandamentos na Lei. Todavia, esses foram reduzidos a onze por Davi (Salmos 15), a seis por Isaías (Isaías 33:15), a três por Miqueias (Miqueias 6:8), a dois por Isaías novamente (Isaías 56:1), a um por Amós (Amós 5:4) e por Habacuque (Habacuque 2:4)²⁴.

Versículos 37 e 38. Jesus respondeu ao escriba: “**Amarás o Senhor, teu Deus, de todo o teu coração, de toda a tua alma e de todo o teu entendimento**”. Essa citação é de Deuteronômio 6:5. O texto hebraico inclui as três palavras “coração”, “alma” e “força”. A citação de Mateus insere o termo “entendimento”, mas omite “força”. Quando a passagem é citada em Marcos e Lucas, eles relatam quatro termos: “coração”, “alma”, “entendimento” e “força” (Marcos 12:30; Lucas 10:27). Variações nos Evangelhos Sinópticos podem ser resultantes do uso da versão Septuaginta. Algumas cópias antigas dessa tradução grega traduzem o vocabulário hebraico equivalente a “coração” (*בַּלְעָד, leb*) para “entendimento” ou “mente” (*διάνοια, dianoia*).

Esse grande mandamento da Lei aparece depois do texto denominado pelos judeus de Shema. O *Shema* propriamente dito está em Deuteronômio 6:4 e “o grande mandamento” está no v. 5. Por extensão, outras passagens, incluindo Números 15:37–41, foram incorporadas ao Shema (veja também Deuteronômio 11:13–21). O nome “*Shema*” deriva do primeiro vocabulário da oração (*שְׁמָה, shama'*), que significa “ouve” (Deuteronômio 6:4). Segundo Marcos, Jesus também o incluiu em Sua resposta: “Ouve, ó Israel, o Senhor, nosso Deus, é o único Senhor!” (Marcos 12:29).

Versículo 39. Jesus, depois de responder ao escriba acerca do grande mandamento (22:36), continuou a dizer: “**O segundo, semelhante a este, é:**

²²Bruce M. Metzger, *A Textual Commentary on the Greek New Testament*, 2d ed. Stuttgart: German Bible Society, 1994, pp. 48–49.

²³Talmude, *Berakoth* 63a.

²⁴Talmude, *Makkoth* 24a.

Amarás o teu próximo como a ti mesmo²⁵ (veja 5:43; 19:19; Romanos 13:9, 10; Gálatas 5:14; Tiago 2:8; 1 João 4:21). A citação é de Levítico 19:18 na Septuaginta. Outros mestres judeus, tanto antes como depois de Cristo, enfatizaram o tratamento devido a outros semelhantes. O rabino Hillel resumiu a Lei com uma forma negativa da regra de ouro: “O que é odioso para você, não faça ao seu próximo”²⁶. O rabino Akiba disse que “Amarás o teu próximo como a ti mesmo” é “o grande princípio da Torá”²⁷. Na passagem correspondente em Lucas, Jesus definiu “próximo” como alguém em necessidade a quem o outro tem condição de ajudar (Lucas 10:29–37).

Versículo 40. Jesus concluiu: “Destes dois mandamentos dependem toda a Lei e os Profetas”. Dizem que amar a Deus se cumpre nos primeiros quatro mandamentos, enquanto amar ao próximo se cumpre nos seis mandamentos restantes do Decálogo (Êxodo 20:1–17; Deuteronômio 5:6–21). Embora isto seja verdade, Cristo disse muito mais do que isso. Aqui “toda a Lei e os Profetas” representam toda a parte hebraica da Bíblia. O verbo “depender” (*κρεμάννυμι, kremanni*) também pode ser traduzido por “pender”. “Como uma porta pende de suas dobradiças, o [Antigo Testamento] inteiro depende desses dois mandamentos.”²⁸

O escriba mostrou grande percepção concordando totalmente com as respostas de Jesus (Marcos 12:32, 33). Jesus não Se impressionou com o que ele Lhe disse: “Não estás longe do reino de Deus” (Marcos 12:34).

A PERGUNTA SOBRE O MESSIAS (22:41–46)

⁴¹Reunidos os fariseus, interrogou-os Jesus: ⁴²Que pensais vós do Cristo? De quem é filho? Responderam-lhe eles: De Davi. ⁴³Replicou-lhes Jesus: Como, pois, Davi, pelo Espírito, chama-lhe Senhor, dizendo:

⁴⁴Disse o Senhor ao meu Senhor:

²⁵Alguns textos pseudo-epígrafos também juntam as ideias de amar a Deus e amar ao próximo. (*Testamento de Isaías* 5.2; 7.6; *Testamento de Dâ* 5.3.)

²⁶Talmude, *Shabbath* 31a.

²⁷*Genesis Rabbah* 24.7.

²⁸Walter Bauer, *A Greek-English Lexicon of the New Testament and Other Early Christian Literature*, 3a ed., rev. e ed. Frederick W. Danker. Chicago: University of Chicago Press, 2000, p. 566.

Assenta-te à minha direita,
até que eu ponha os teus inimigos debaixo
dos teus pés?

⁴⁵Se Davi, pois, lhe chama Senhor, como é ele seu filho? ⁴⁶E ninguém lhe podia responder palavra, nem ousou alguém, a partir daquele dia, fazer-lhe perguntas.

Versículo 41. Jesus havia começado a ensinar no templo naquela manhã (21:23). Seus inimigos elaboraram três perguntas com a finalidade de fazê-LO violar a Lei ou colocá-LO em conflito com a lei romana (22:15–40). Jesus respondeu irrefutavelmente as três perguntas. Depois disso, o Senhor interrogou-os. Ele dirigiu a pergunta aos fariseus que estavam reunidos ali perto, tramando a próxima investida contra Ele (22:34). Marcos 12:35 confirma que Jesus ainda estava no templo quando fez essa pergunta.

Versículo 42. Jesus não perguntou: “Quem vocês dizem que eu sou?” Anteriormente, essa pergunta propiciou a confissão de Pedro de que Ele era “o Cristo, o Filho do Deus vivo” (16:15, 16). Em vez disso, Jesus usou uma abordagem direta para falar da Sua identidade. Ele perguntou: “Que pensais vós do Cristo? De quem é filho?” Jesus usou a pergunta “Que pensais...?” em outra ocasião para estimular o pensamento de Seus ouvintes (17:25; 18:12; 21:28). Nesta ocasião, Ele estava interrogando a respeito dos ancestrais do Messias.

Os homens responderam corretamente: “De Davi”. Jesus levou-os intencionalmente a essa resposta. Apenas dois dias antes, no domingo, Jesus entrou em Jerusalém montado num jumento. Naquele momento, Ele foi louvado como “o Filho de Davi” (21:9). Na segunda-feira, os principais sacerdotes e os escribas se indignaram por que as crianças honravam Jesus com gritos de “Hosana ao Filho de Davi” (21:15, 16). “O Filho de Davi” era um título messiânico que refletia uma previsão do cumprimento das promessas registradas no Antigo Testamento (veja os comentários sobre 1:1; 9:27; 12:23).

Versículo 43. Jesus propôs uma segunda pergunta: “Como, pois, Davi, pelo Espírito, chama-lhe Senhor...?” Jesus partiu do “conhecido” (Cristo como o Filho de Davi) que eles espontaneamente admitiam, para o “desconhecido” (Cristo como o Senhor de Davi). “Anteriormente [os líderes religiosos] pediram que Jesus calasse os que O aclamavam” (verso 16).

mavam *filho de Davi*, mas, como afirmou Lewis, “agora ele argumenta que o título pouco atribui a Ele”²⁹. Jesus alegou que Davi, que escreveu muitos dos Salmos, foi inspirado pelo Espírito Santo (veja 2 Samuel 23:2; Atos 1:16; 2:30; 2 Pedro 1:21). O subtítulo do Salmo 110, acrescentado muito depois do escrito original, diz: “Salmo de Davi”.

Versículo 44. A citação usada é de Salmos 110:1, e é bem próxima da versão da Septuaginta:

**“Disse o Senhor ao meu Senhor:
Assenta-te à minha direita,
até que eu ponha os teus inimigos debaixo
dos teus pés.”**

Este texto importante é citado ou mencionado várias outras vezes no Novo Testamento³⁰. No hebraico se faz uma distinção entre o primeiro “Senhor” (*הָאֵל*, YHWH, o nome próprio de Deus) e o segundo “Senhor” (*אֲדֹנָן*, ‘Adon). O texto prediz a exaltação do Cristo à direita de Deus Pai. A posição dos inimigos de um rei aos seus pés simbolizava a sujeição deles ao rei.

O texto hebraico contém a palavra “estrado” no último verso: “Até que eu faça Teus inimigos por *estrado* dos Teus pés” (grifo meu). Os arqueólogos já escavaram antigos estrados de reis entalhados com gravuras de seus inimigos (geralmente se prostrando ao chão).

Versículo 45. Jesus concluiu com mais uma pergunta: “**Se Davi, pois, lhe chama Senhor, como é ele seu filho?**”. Se o Messias era o filho de Davi, então por que Davi, por inspiração, chamou-o de “Senhor”? Que pergunta intrigante! Um antepassado raramente trataria seu descendente de “senhor”. Como o Messias poderia ser descendente de Davi e ainda ser superior a ele? A única maneira de o Messias ser “Senhor” e “Filho de Davi” ao mesmo tempo era ser Divino, um ser já existente antes de nascer na carne (veja João 8:56–58). Jesus já havia reivindicado ser superior ao templo, a Jonas e a Salomão (12:6, 41, 42). Aqui Ele também reivindicou indiretamente ser maior que Davi.

Versículo 46. Jesus, a partir daquele dia, fez Seus críticos se calarem. Eles foram derrotados de tal maneira que nenhum deles **ousou... fazer-lhe perguntas** pelo resto da semana – isto é, não

até acontecerem Seus julgamentos fraudulentos. Embora tenham se calado, não se converteram. Odiavam Jesus mais do que nunca, e passaram o tempo arquitetando como O prenderiam causando o mínimo protesto do povo.

LIIÇÕES

DUAS PERGUNTAS INSENSATAS E DUAS RESPOSTAS SÁBIAS (22:15–46)

Inimigos declarados fazem alianças estranhas. Os inimigos de Jesus agiram juntos ao Lhe fazerem perguntas capciosas. Perguntaram se era ou não lícito pagar tributo a César (22:15–22). Mas Jesus não cairia na armadilha dessa pergunta. Eles também perguntaram quantos maridos uma mulher poderia ter no céu (22:23–33). Jesus respondeu, efetivamente: “Que vergonha vocês não conhescerem a Bíblia!”

Duas das perguntas mais importantes encontram-se em 22:34–46. Jesus respondeu as duas em 22:37–40. Ao intérprete da Lei que perguntou: “Qual é o grande mandamento na Lei?” (22:36), Jesus explicou que o amor *agape* é a base para tudo o que Deus exige de nós. Precisamos perguntar a nós mesmos: “O que você pensa de Cristo; Ele é filho de quem?” (22:42), pois essa resposta tem implicações eternas. Jesus é o Filho de Deus, e nós devemos ouvir e obedecer à voz dEle (veja 17:5).

A PERGUNTA SOBRE PAGAR TRIBUTOS (22:15–22)

Jesus nunca se opôs a pagar tributos. Ele chamou Mateus, um cobrador de imposto, para ser um de Seus apóstolos escolhidos (9:9). Ele recebeu publicanos (cobradores de imposto) e pecadores, e foi bondoso com Zaqueu, o chefe dos publicanos em Jericó (Lucas 19:1–10). A parábola do fariseu e do publicano retrata o publicano sendo justificado e o fariseu sendo condenado (Lucas 18:9–14). Além do fato de Jesus pagar o desagradável imposto a César, que beneficiava o estado romano, Ele também pagou o imposto do templo, o qual sustentava o sacerdócio corrupto (17:24–27).

Todo cristão deve pagar impostos qualquer que seja o governo em poder. Jesus não abriu exceção à regra de “dar a César o que é de César”, mesmo estando sujeito a governantes idólatras e blasfemos. Paulo, enquanto viveu no governo pagão romano, deu uma ordem universal para os cristãos se submeterem a todas as autoridades governamentais,

²⁹Lewis, p. 107.

³⁰Mateus 26:64; Marcos 12:36; 14:62; 16:19; Lucas 20:42, 43; 22:69; Atos 2:34, 35; 1 Coríntios 15:25; Efésios 1:20, 22; Colossenses 3:1; Hebreus 1:3, 13; 8:1; 10:12, 13; 12:2.

pois esses poderes são “por [Deus] instituídos” (Romanos 13:1). Pedro concordou com essa admoestação (1 Pedro 2:13–15). Resistir ao governo é resistir a Deus, e sonegar impostos é desobedecer ao mandamento divino. Embora os governantes tenham o direito de determinar os impostos, eles não têm o direito de interferir na prática religiosa. Quando fazem isso, estão avançando os limites que Deus lhes conferiu. Nesse caso, então, os cristãos têm o direito e a responsabilidade de resistir.

A RESSURREIÇÃO (22:23–33)

Como crentes em Deus podem não crer na ressurreição ou na vida após a morte? Paulo encontrou alguns cristãos em Corinto que não criam na ressurreição. Provavelmente haviam sido influenciados pela filosofia grega, que dizia que o corpo era pecaminoso e via o espírito como um tipo de energia que saía do corpo na morte. Essa energia era supostamente reabsorvida para a energia da natureza ou por um deus que configurava todo o universo. O ensino de Paulo aos coríntios refuta o pensamento dos saduceus ou de outros que duvidam da ressurreição.

Os cristãos de Corinto que não criam na ressurreição pareciam não rejeitar a ressurreição de Cristo; só não criam na própria ressurreição no final dos tempos. Paulo disse que se Cristo não ressuscitou dos mortos, tampouco nós ressuscitaremos; mas se Ele ressuscitou, nós também ressuscitaremos (1 Coríntios 15:12–19). Paulo apresentou sete conclusões a respeito da ressurreição:

1. Se Cristo ressuscitou dos mortos, o que os irmãos coríntios aceitaram quando se tornaram cristãos, eles não podiam negar a ressurreição.

2. Se Cristo não ressuscitou dos mortos, ninguém mais ressuscitará. Paulo relatou, a seguir, as consequências de se aceitar essa conclusão.

3. Se Cristo não ressuscitou, a pregação do evangelho foi um ato insignificante e vazio.

4. Se Cristo não ressuscitou dos mortos, Paulo e todos os demais que se diziam testemunhas do Cristo ressurreto eram mentirosos.

5. Se Cristo não ressuscitou dos mortos, a fé deles era vazia e sem sentido. O que haveria de bom em ter esperança em alguém que morreu e não viveu novamente? Todas as pessoas morrem. Se Jesus não ressuscitou dos mortos, Ele não é melhor do que os outros autodenominados salvadores.

6. Se Cristo não ressuscitou, ainda estamos

nos nossos pecados e sem esperança alguma de salvação, pois o Seu sangue não tem poder para nos purificar dos nossos pecados.

7. Talvez a consequência mais perturbadora se Cristo não ressuscitou seja que quem já morreu no Senhor simplesmente pereceu – pois sem a ressurreição de Cristo não há esperança além do túmulo.

Depois de apresentar esses fortes argumentos em favor da ressurreição de Cristo, Paulo concluiu: “Se a nossa esperança em Cristo se limita apenas a esta vida, somos os mais infelizes de todos os homens”. E declarou que: “Mas, de fato, Cristo ressuscitou dentre os mortos, sendo ele as primícias dos que dormem” (1 Coríntios 15:19, 20).

A LEI DE LEVIRATO (22:23–28)

O incidente envolvendo Onã, filho de Judá, é um exemplo que ilustra que Deus honrava o costume do levirato bem antes de mandar Moisés incluí-lo na Lei. O ato de Onã de “deixar o sêmen cair na terra” desagradou de tal maneira a Deus que Ele tirou a vida de Onã (Gênesis 38:8–10).

Outro exemplo do exercício desse costume encontra-se no Livro de Rute. Depois que Malom, marido de Rute, faleceu, Noemi, a sogra dela, lamentou o fato de não ter outro filho para se casar com Rute e cumprir o papel de um cunhado (Rute 1:11–13). Finalmente, Boaz, parente do marido de Rute, casou-se com ela. Primeiramente, ele se certificou de que não havia outro parente mais próximo a Malom que desejava tomá-la por esposa. Quando teve certeza da liberação, casou-se com Rute (Rute 4:1–10). Ao fazer isso, essa mulher moabita tornou-se uma ancestral do rei Davi e, por fim, de Jesus Cristo (Rute 4:17, 22; Mateus 1:5, 6, 16).

Alguns questionam se a lei de levirato estava em vigor na época de Cristo. Não havia razão para ela não estar em vigor e os saduceus a honravam por causa do respeito que tinham pelo Pentateuco³¹.

AMOR (22:34–40)

Jesus identificou dois mandamentos em Mateus 22:37–39. A Bíblia fala muito sobre esses mandamentos (Josué 22:5; Salmos 31:23; João 14:15, 21, 23; Romanos 8:28; Tiago 1:12; 2:5; 1 João 4:8, 19, 21). Ambos envolvem o amor. Examinemos

³¹Há no Mishná um tratado, *Yebamoth*, dedicado ao assunto do casamento por levirato.

três qualidades do amor.

1. *O amor é algo que aprendemos.* Não nascemos amando. O mandamento para amar o próximo é para nós tanto quanto foi para o público ouvinte de Jesus.

2. *O amor se expressa em atos.* O amor é prático. Se nossos atos não forem amorosos, o que dizemos não terá valor algum.

3. *O amor é a única esperança para este mundo.* O mundo precisa redescobrir o amor. É importante que o mundo venha a conhecer a Jesus Cristo porque Ele personifica o amor.

Ó FILHO DE DAVI (22:41–46)

Alguns contemporâneos de Jesus pensavam que Ele era um impostor. Outros O consideravam um profeta, assim como haviam visto João Batista. Muitos concluíram com base nos milagres de Je-

sus que ele era o Cristo, o Filho de Davi. Entretanto, antes de Sua ressurreição, poucos entenderam que Ele era o Filho de Deus. Jesus demonstrou que, embora ele fosse descendente de Davi, Ele era de fato muito maior que Davi. Ele era, na verdade, “Senhor” de Davi.

Hoje, as pessoas têm diversas opiniões sobre Jesus. Algumas O veem como uma fraude. Outras pensam que ele era apenas um bom professor ou um profeta. Todavia, precisamos aceitá-LO como Cristo e Senhor (Atos 2:36). Ele estava com Deus desde o princípio dos templos, e Ele mesmo é Deus. Ele foi ativo na criação (João 1:1–5) e na plenitude dos tempos, Ele assumiu a forma de homem para nos salvar (João 1:14, 18; Filipenses 2:6–11). Ele é de fato “Emanuel”, “Deus conosco” (1:23).

David Stewart

Autor: Sellers Crain

© A Verdade para Hoje, 2013

TODOS OS DIREITOS RESERVADOS